

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redação e Administração: R. da República, 58 A—1.º e 2.º Andar—Telex. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



CARTA a um intolerante Peregrinação à Penha CRÍTICAS pequeninas

Amigo Fernando

Continuo a desejar a tua boa saúde. A carta de hoje tem por fim falar-te de um artigo do Sr. Dr. Pinheiro Tôres, há dias publicado no Diário Portuense «Comércio do Porto». Éle diz respeito, por acaso, a conversas que temos tido sobre coisas da guerra, esse monstro tenebroso que está a envolver todos os povos do mundo numa luta sem precedentes na História. Tu, que tam injustamente tens apreciado a atitude da Inglaterra perante a agressão de que a Rússia foi vítima, deves ler o artigo em referência, cujo autor não pode ser considerado suspeito ou parcial, pois tóda a gente que conhece o Sr. Dr. Pinheiro Tôres sabe muito bem que se trata de uma individualidade absolutamente contrária à doutrina comunista. Por isso, nenhuma dúvida deves ter em acreditar na sua intransigência quanto à existência do regime comunista, ideal que sua ex.^a considera inimigo comum. Iguamente sabes que eu penso da mesma forma, isto é, que sou um soldado da primeira linha contra a expansão bolchevista, motivo por que a justiça que junto de ti tenho feito à Inglaterra não significa a menor concordância com um futuro triúmpfo dos agentes do comunismo russo. Porém, a tua intolerância tem-te levado a tomar uma atitude de verdadeira hostilidade contra o que nos últimos tempos se tem passado entre as duas potências—Inglaterra e Rússia, acusando aquela de pretender auxiliar a expansão do comunismo, afirmação que eu tenho contrariado, mas sem, todavia, te ter condenado a pôres de parte semelhante raciocínio. Cada um pode pensar conforme entender, mas sempre dentro de um critério integrado na justiça e na imparcialidade. Portanto, caro Fernando, habituete a não seres injusto nem parcial e quanto ao auxílio da Inglaterra à Rússia lê o artigo de que te falo, inserto, como já te disse, no «Comércio do Porto» do dia 23 do corrente e do qual aqui transcrevo os seguintes períodos, na incerteza de poderes conseguir o Jornal referido. Atende, pois, ao que diz o Sr. Dr. Pinheiro Tôres:

passa agora com a Inglaterra é imperativo das circunstâncias, é de lamentar que se chegasse a esta tristíssima situação resultante de atitudes anteriores mais que condenáveis... .. Pode, por um momento que seja, alguém de boa fé supor que a Inglaterra transige com uma doutrina que é perfeitamente antagónica com aquela sobre a qual se funda a sua Civilização? Ela não procura o triúmpfo da U. R. S. S., mas a sua própria vitória. E' o seu caso que a preocupa; é o seu futuro que está em jogo.

... Se vencer, estou certo de que a infiltração bolchevista não encontrará opositor mais convencido e aguerrido do que a Inglaterra idealista, tradicionalista, individualista, monárquica, de alma profundamente religiosa, respeitadora das liberdades essenciais, sem medo das verdades, misto de senso prático e ideal, caminhando evolutivamente para o estabelecimento da justiça social. Não devemos esquecer que a condenação da plutocracia foi feita, magnificamente, por escritores ingleses como Carlyle, Morris e Ruskin, que nos ensina que se em qualquer País a Arte não é uma necessidade pública, há qualquer coisa de pòdre na sua estrutura nacional.

Lê esta carta com muita atenção e manda-me dizer se ainda continuas a manter a mesma opinião quanto à intenção da Nação inglesa no presente conflito da Rússia com a Alemanha, as duas Nações que de um momento para outro transformaram o seu pacto de amizade em cenário de ódio e de destruição. Como vês, os factos são o que são, embora te custe conceber a sua realidade.

E não te importuno mais por hoje.

Dispõe do teu am.º,
Agosto de 1941.

Zé da Aldeia.

A X Volta a Portugal em bicicleta

O Clube Atlético de Campo de Ourique, simpática colectividade lisboeta, que este ano tomou a seu cargo, pela segunda vez, a organização desta prova, dirigiu a diversas firmas e entidades desta cidade uma circular solicitando uma contribuição de 10\$00 para auxilio das enormes despesas que a Volta lhe acarreta.

Porque se trata da mais popular e mais importante prova desportiva do País, a que Guimarães anda ligada há alguns anos, mercê da cativante preferência dos seus organizadores, de esperar é que aquele apêlo mereça o melhor acolhimento dos vimaranenses em geral e em especial das entidades solicitadas. E, como não foi possível, por falta de tempo, ir um delegado junto delas no dia em que a Volta passou pela nossa terra, muito se agradece o favor de entregar os seus donativos a Cervejaria Mourão ou ao Sr. António Faria Martins.



Conforme já temos noticiado, realiza-se no dia 14 de Setembro a Grande Peregrinação à Virgem da Penha, onde milhares de fiéis vão implorar a Paz para o Mundo.

O imponente cortejo será presidido pelo Senhor Bispo de Gurza.

A's 8 e meia horas; No Campo da Feira, organização da **Grandiosa Peregrinação**, que às 9 horas em ponto, após a Bênção aos peregrinos, seguirá pelas ruas da cidade, Arcela e estrada da Penha, por Belos-Arês, onde se associarão numerosos peregrinos das freguesias do norte de Guimarães e concelhos de Fafe e Felgueiras.

A's 10,30 horas deve estar o imponente Cortejo em Belos-Arês e às 12 horas pontuais no cimo da Penha.

Logo que todos os Peregrinos cheguem ao Santuário Eucarístico, haverá Missa Campal e alocução.

A's 16 horas terá lugar a recitação do Terço e Bênção do Santíssimo Sacramento.

Haverá combóios extraordinários e carreiras de caminhetas. Na véspera a Montanha será iluminada.

PRINCESINHA

Eu vejo-a caminhar quasi à fardinha
Nos seus passinhos curtos, de princesa...
Até há quem lhe chame princesinha,
Tal o seu porte altivo de nobreza...

Leva sempre a seu lado a cadelinha,
Uma branca *Lulu* que muito preza,
Que às vezes, se se cansa, a çachorrinha,
Ao próprio colo a ergue com leveza...

Se os olhos seus me fitam por instantes,
Eu sinto umas fontúras perturbantes,
Um não sei quê em mim de gozo mago!...

Gozo espiritual que me entontece,
Chama que por momentos tóda aquece
Esta minha velhice num afago...

Agosto de 1941.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

Quando *A Voz* de 15 de Dezembro último brindou o seu *Bazar* com o largo estudo de Costa Brochado sobre a decantada *Maria da Fonte*, fixou-se em meu espirito uma funda simpatia pelo afanoso Publicista.

Ao anunciar-se o seu **D. Sebastião**, logo o apetite de o saborear me acometeu.

Mas Guimarães fica no cabo do Mundo.

Os bons livros só tarde lá chegam.

Braga fica mais à mão de Lisboa. E foi da prestimosa Braga que me veio o exemplar desejado.

Bons vinte escudos.

Excelente papel.

Edição bem feita.

Da *Editorial Império*.

O primeiro terço do livro enfada um tanto.

Deixa intrometer-lhe outras leituras.

Passado esse terço, a figura do infeliz Príncipe é tam bem focada, é tam lindamente estudada, é tam saborosamente comentada e documentada, que a gente chega ao fim numa avidez sófrega e irresistivel.

E o D. Sebastião aparece num quadro belo que não condiz com os pessimismos da Tradição.

Ainda bem.

Costa Brochado transformou o Rei.

E que transformação éle nos dá!

Há bonitos e feios trinta anos custava 50 réis o tomozinho de 52 páginas que a Imprensa Nacional publicara com as *Bases para a Unificação da Ortografia*.

O número XVIII do Formulário ensinava a escrever: *por causa de eles não quererem; em razão de os não ter visto*. Isto a respeito de *pronomes que rejeim orações do infinito*.

Não falava em artigos.

Mas os artigos também são gente.

Diremos portanto:—*A razão principal de o seu filho haver sido excluído foi a aquela preguicite, aguda e crónica*.

Este rigor de escrita, que me é de alta simpatia, não é geralmente acatado, até nem é conhecido.

E caso notável. No **D. Sebastião**, de Costa Brochado, são muitos os casos aparecidos.

Notei-os nas páginas que seguem:—17, 3.º §; 20, 2.º; 29, 6.º; 32, 4.º; 49, 5.º; 66, 4.º; 74, 3.º; 93.º, 2.º; 127, 4.º; 128, 2.º; 131, 2.º; 151, 1.º; 179, 5.º; 190, 5.º; 195, 4.º; 230, 2.º; 255, 4.º; 257, 6.º; 272, 1.º; 299, 3.º; 301, 4.º; 305, 3.º; 337, 3.º; 339, 4.º.

Doas dúzias de bagatelas: *De minimis non curat Praetor*.

As escritas *porque* e *por que* também estão mal discernidas.

Pois, apesar destes senõeszinhos, a revisão do livro é uma maravilha.

E' tam belo ser justo na vida! Só assim nossa paz é bem funda.

De interesse bem variado as 184 páginas da *Revista de Guimarães*.

A prosa esmeradamente cuidada de Luis de Pina, na sua

conferência de particular saúde, percebe-se agora bem, e melhor se aprecia.

As boas seis páginas dedicadas a José Leite de Vasconcelos são de uma sobriedade e síntese que satisfazem os admiradores mais fervorosos. As dez que honram o querido João Lopes de Faria são um doce misto de carinho e gratidão.

A gente vê caras, não vê corações.

Aquele birrento titulo *Biba o B*, no «Diário do Minho» de 26, denunciava logo uma resposta a A. Reis Lima que há dias se propunha abrir campanha nortenha em favor do *v*, tam mal lido entre nós.

Ora Constantino Coelho vem explicar e justificar formosamente o estranho *b*.

E o latim e o alemão e o grego e até o hebraico entram lindamente no estudozinho do Burocrata que é *Jornalista de preço*.

Pois viva o *B*!

Com o volver dos anos vai em crescente carinho o amor de Tude de Sousa ao Gerez.

Em 11 e 14 e 27 lá nos oferecia *O Comércio do Porto* as formosas demonstrações desse carinho sem rival.

A famosa caçada que *O Século* promoveu em 1908 e a de 1887 em honra da Família Real dão ensejo ao eminente Publicista para revelar uma vez mais o seu alto poder descriptivo.

Este amor ao Gerez é bem profundo!

Em 30 de Maio quantos anos completaria Fernando de Sousa? 86 ou 36??

O vigor e a beleza e a decisão com que fechou *de vez* o incidente Lelo Portela, Alfredo Pimenta, D. P. C., deixa-nos assombrados, num encanto de inesperada surpresa.

Nemo voltaria aos 36?

E' bem o nosso *Jornalista máximo*!

Em tóda a pureza.

A secção *Topónimos Nortenhos*, que a *Revista da Arquidiocese* iniciou em Março, com o étimo de *Amares*, deu-me quasi tanto de enfado como de curiosidade.

E é curioso que ao ler Alberto de Meneses no *Correio do Minho* de 28, sobre aquele étimo, houve de encontrar-lhe mais amenidade que enfado.

A investigação fatiga.

A boa prosa agrada.

E assim o Alberto sobrepuja o Arlindo!

Raras vezes me não prende a *Tribuna Livre* ao serviço de *Neno*.

A de 28 prendeu-me inteiramente, harmónicamente, dominou-me.

Que equilíbrio tão belo e tão firmado!

Que nitida visão do porvir nosso!

Morreu depressa o *Fradique*.

O *Bandarra* pouco mais viveu.

A *Acção* vai no seu 19.º número.

Nela se não visto lindas coi-

